

Secretário dos EUA critica Brasil por não pagar

No discurso, Golfo e elogios à Venezuela

WASHINGTON (da enviada especial) — Três pronunciamentos feitos ontem na reunião do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI) chamaram a atenção dos participantes da reunião. O Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, além de falar sobre o impacto da crise no Golfo, citou especificamente o problema brasileiro dos atrasados da dívida externa, enquanto parabenizou a Venezuela pelo recente sucesso em suas negociações.

A Ministra Zélia Cardoso de Melo limitou sua exposição à crise, sem tocar no assunto mais esperado: o pagamento da dívida. Já o Ministro das Finanças japonês, Ryutaro Hashimoto, conclamou os países industrializados a aportarem recursos, através do Bird e do FMI, para ajudar as Nações mais prejudicadas pela crise.

Repetindo a mesma posição já assumida oficialmente pelo Grupo dos Sete (EUA, Japão, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Canadá), Brady fez um pronunciamento sobre a crise, defendendo o reforço da ajuda que os organismos multilaterais devem destinar aos países em desenvolvimento. Ao final de seu discurso, o Secretário enfati-



Hashimoto brinca com a diferença de altura entre ele e Brady

zou que o governo americano estimula a implementação de estratégias internacionais para solucionar o problema da dívida externa:

— Para os países que têm implementado corajosos programas de reformas, as negociações com os bancos privados devem ser feitas prontamente — afirmou.

Brady mencionou o êxito da Venezuela, que concluiu um acordo com os bancos privados e recomendou que o Brasil resolva “os atrasados com os bancos privados estrangeiros enquanto seu programa com o FMI é providenciado”.

A Ministra Zélia enfatizou a necessidade de o Brasil contar com recursos adequados para sustentar os esforços de ajuste econômico.

Já o Ministro japonês comunicou a decisão de seu país de aportar US\$ 2 bilhões (Cr\$ 164 bilhões, pelo câmbio comercial) para os países mais atingidos pela crise, como Egito, Turquia e Jordânia. Mas Hashimoto não fez comentários sobre a dívida externa brasileira, nem mencionou nominalmente o Brasil como um dos países afetados pela crise no Golfo.